

O CAMUNDONGO NO PAÍS DAS MARAVILHAS: O PODER NA REVOLUÇÃO CUBANA A PARTIR DA VISÃO DO EXILADO CARLOS FRANQUI

Rafael Saddi*

Toda a história da humanidade é, além de tudo, a história da migração. Abandonar o certo e conhecer o outro: lugar, tempo, modo de vida. Ser outro além daquilo que você ainda é. Ser múltiplo. Não ser nunca. A migração forçada pela perseguição política é o exílio.

Qual sentimento humano é mais comum na história dos exílios: o medo ou a impotência? Naqueles momentos sensacionais em que nos percebemos como incrivelmente pequenos só nos resta as duas ações de quem sente a derrota inevitável: fugir ou nos esconder. Eis o que faz o rato. Esconde-se, sentindo-se como Lezama Lima, metido dentro do forno em seu exílio interior. Ridiculamente destinado a não sair da toca, pois a aparição é uma desapareção.¹ “Cuba é frustrada em sua essência política”. Lezama se voltou para a poesia. Ou então, parte em direção ao outro. Aparece rapidamente, e desaparece para sempre. Em todos os casos, sair da toca apressadamente com olhos desesperados ou se trancar até que a última reserva de queijo se esgote são atitudes de ratos. O sentir-se camundongo em um mundo ameaçador é a atitude necessária de todo exilado.

“(…) podia acontecer sabe”, disse Alice para si mesma, ‘que eu sumisse completamente, como uma vela. E o que seria eu então?’”. (CAROL, 1998, p. 20). Ela se preocupava por estar diminuindo de tamanho. E talvez seja esta a sensação

que acompanha aquele que se sente cada vez menor: a angústia de estar ligeiramente desaparecendo. É o que sentiu o poeta. “As vezes penso que sou invisível” (CABRERA INFANTE, 1996, p. 477), disse Cabrera Infante. O exilado cubano, diferente de todos os exilados, não tem existência. Só existem *gusanos*². Vermes. O exilado olha no espelho e, após tirar toda a sua roupa, não vê nada. Ele, Guillermo Cabrera Infante, um escritor cubano exilado, não existe. Em sua casa, há um estranho, um tal “lacio do imperialismo”. Afinal, é ele quem nos lembra, “É fácil eliminar um homem quando ele não é mais um homem, e sim uma besta, um verme, mas sempre há sangue, cadáveres: uma sujeira. É mais limpo torná-lo invisível.” (idem, p. 478).

A alma do exilado cubano parece insistentemente perguntar como Alice: “Agora não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que vai ser de mim?” (CAROL, 1998, p. 49). A impotência frente a um mundo que desaba sobre sua cabeça. A incerteza frente ao futuro mais imediato. Eis os sentimentos que carregam o exilado quando sua última, necessariamente a última, ação resolve ser efetivada: sair.

Em um mundo de Deuses potentes e agressivos, nem sempre se é Ulisses para enfrentar Ciclopes. Nem sempre encontramos mulher e filhos esperando quando voltamos para casa. Nem sempre voltamos. Os exilados cubanos de Fidel Castro nunca voltam. Saem como um *kamikase* em sua última missão: adeus.

¹ ‘Quando finalmente tirou os óculos, todos os presentes ficaram atônitos: o forasteiro era invisível’. Essa aparição era uma desapareção. (CABRERA INFANTE, 1996, p. 481).

² *Gusano* significa *verme*. Termo usado pelos castristas para definir aqueles que abandonam o país.

Deixam, muitas vezes, parte da família, parte da história e toda a geografia.

“Não gosto de gatos”, gritou o camundongo com uma voz aguda e apaixonada. “Você gostaria de gatos, se fosse eu?” (idem, p. 32). É no exílio que, invisíveis e sempre diminutos, carregam na memória, nos sentimentos e no corpo, o mundo para trás e, como pacientes operários de construção que sempre constroem uma casa que não é sua, reconstróem o mundo deixado. Fornecem sentido ao seu exílio. Falam, pensam, escrevem sobre a terra que não é mais a sua terra. Disse o camundongo para Alice: “Vamos para a margem que eu vou lhe contar a minha história, e você vai compreender por que é que eu odeio gatos e cachorros.” (idem, p. 33). Mas Alice gostava demais de gatos para experimentar o ponto de vista do rato. Quando o pobre camundongo se pôs a contar a sua história de como a Fúria condenou o rato sem júri, sem juiz, sem nada, Alice simplesmente o ignorou. O rato, naquele momento, era invisível.

Mas somente os ingênuos (Alice tinha quatro anos) podem ignorar a experiência dos ratos. Os gatos não fazem isto de modo algum, apenas fingem fazê-lo para abocanhar a presa desprevenida. Aqueles que querem compreender a Revolução Cubana devem ouvir os ratos, mas não para abocanhá-los. Nas bocas, não há sensatez, somente gritos e sangue. No exílio, a história da Revolução Cubana tem sido feita. Talvez uma história marcada pela culpa. Palavra que marca a vida de todo exilado. Culpa “(...) por ter deixado minha terra para ser um desterrado e também por ter deixado para trás os que estavam no mesmo barco, que eu ajudei a lançar ao mar sem saber que era mal.” (CABRERA INFANTE, 1996, p. 20). Mas, uma história que também pode identificar as outras partes deste nosso mesmo crime. Pois, afinal, “Cuba os abandonou.” (idem, ibidem).

De toda forma, a “Mea Cuba”³ do exilado é retribuída pelo ato de dar sentido ao seu exílio. Fornecer uma linha compreensiva para o abandono de seu país implica em dar sentido à Revolução Cubana. É principalmente nestas histórias do exílio que surgem os discursos sobre o poder. Afinal, de dentro da ilha do comandante se destacam os elogios e o silêncio. Do lado de fora, pode-se ver por dentro. Tendo os discursos do exílio como fonte, podemos analisar e comparar diferentes visões sobre os processos do poder, que são fundamentais para um estudo da Revolução Cubana. Neste artigo, nos centraremos na percepção de um revolucionário exilado. Queremos entender o modo como ele reconstrói a questão do poder em Cuba no seu livro “Retrato de Família com Fidel”.

O Filho do Titã

“Recordei a Fidel suas próprias palavras: ‘Esta revolução não vai devorar os seus próprios filhos.’” (FRANQUI, 1981, p. 67), disse Carlos Franqui em uma reunião do novo governo buscando defender Huber Matos, um revolucionário acusado de traição. Por ironia ou tragédia, mais tarde, Carlos Franqui seria mais um filho a ser devorado. A história da Revolução Cubana é também o mito da origem dos deuses gregos. Franqui é filho de Cronos, o titã que para não ser destituído do trono, começou a devorar os seus filhos.

O revolucionário é, provavelmente, um artista, que projeta na mente uma escultura, mas que nunca é realizada tal como foi projetada. O artista ou adequa as suas intenções ao possível e se satisfaz com a escultura de um quase César, ou se propõe a refazê-la constantemente.

³ Nome do livro de Guillermo Cabrera Infante, do qual ele reuniu os seus escritos políticos e cujo nome faz um trocadilho entre *Mea Culpa* e *Cuba*, isto é, trata-se da sua *Mea Culpa* em relação à Revolução Cubana.

Talvez o mais bem sucedido dos revolucionários opta pela primeira opção, mas, muitas das vezes, faz as duas coisas ao mesmo tempo. Aceita o possível à medida que o retoca sempre. Os revolucionários sinceros, que não se vêem na escultura que esculpiu, geralmente se pegam na angústia de Franqui: “o que eu deveria fazer? Me recuperar e partir? Tinha lutado apenas para perder?”. (idem, p. 28). Os personagens mal sucedidos, que estão sempre destinados a desaparecerem dos livros da história oficial, nem sempre se decidem a talhar novamente a pedra dura. Franqui se decidiu: “Merda . Eu era um rebelde e ponto final”. (idem, ibidem).

Revolucionário cubano, ele lutou contra o regime político de Batista. Foi chefe de propaganda do Movimento 26 de Julho, fundou o jornal clandestino *Revolución*, foi preso e torturado pela polícia política de Batista, libertado e exilado, foi para a *Sierra Maestra*, montou ali a Rádio Rebelde como rádio oficial do Exército Rebelde, enfim, contribuiu efetivamente para a tomada de poder pelos revolucionários cubanos. Insatisfeito com a dominação castrista se propôs a combatê-la estimulando uma revolução cultural. Perseguido, deixou Cuba.

Franqui representa aqueles intrigantes personagens que ordinariamente estão presentes na história das tomadas de poder. É ele um Danton na Revolução Francesa ou um Trótski na Revolução Russa, sempre fadados a dizerem como Prometeu, acorrentado por Júpiter: “vê que tratamento eu suporto, eu, o amigo de Júpiter, que o ajudei, sozinho, a subir ao trono”. Sempre obstinados a lutar por uma revolução que os devora. Sempre destinados a criar um monstro. Sempre, como disse Cabrera Infante, fadados a cavar a própria tumba. Somem. São apagados da história (que, acredite, participaram) pelas mãos de uns tantos

Winstons que trabalham no departamento de Registros no Ministério da Verdade cuja única função é essa que se segue: alterar a história da humanidade.

“Quem controla o passado”, dizia o lema do Partido, “controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado”. E, no entanto, o passado, conquanto de natureza alterável, nunca fora alterado. O que agora era verdade era verdade do sempre ao sempre. Era bem simples. Bastava apenas uma série infinda de vitórias sobre a memória. “Controle da realidade”, chamava-se. (Orwell, 1984, p. 36).

O revolucionário mal sucedido não existe e nunca existiu.⁴ A análise de Franqui é fundamental para compreendermos a dominação política no processo revolucionário em Cuba. Sua crítica é a de um revolucionário cubano, isto é, a crítica de alguém que conhece de forma familiar os seus próprios carrascos e que acredita na revolução, embora discorde da forma como ela foi conduzida. É isto que faz Franqui apontar a dominação política a partir de uma ótica interessante. Não representa a tradicional visão liberal norte-americana e nem mesmo a tradicional visão oficial sobre a Revolução Cubana. Sua visão da Revolução é a partir do que ela não foi, ou melhor, do que ela poderia ter sido.

Analisar o pensamento de Carlos Franqui nos possibilita perceber sua busca de compreensão do momento de destruição da Revolução Cubana, o momento em que ela perdeu o seu brilho e se pôs no longo caminho pelo Hades grego. Compreender esse momento

⁴ Mesmo nas fotos em que Carlos Franqui aparecia ao lado de Fidel, os burocratas do governo fizeram questão de apagá-lo. Carlos Franqui nunca existiu. A capa de seu livro “Retrato de Família com Fidel” traz a foto original e a adulterada, publicadas em dois momentos distintos: a primeira, antes de exilar-se e, a segunda, depois de se tornar um opositor.

significa perguntar a si mesmo: por que fracassamos? Por que a Revolução Cubana estabeleceu uma outra dominação do homem pelo homem? A partir de suas respostas a estas perguntas podemos encontrar também em Franqui uma teoria da transformação social, que não só explica a dominação cubana, como também aponta os caminhos que poderiam ter sido trilhados para evitar que Winston, de forma quase inconsciente, se pusesse a rabiscar com o dedo na poeira da mesa: $2+2 = 5$. (idem, 1984, p. 271). O rebelde se submeteu à verdade do Partido. A dominação venceu a revolução.

A análise de Franqui pode ser dividida em dois momentos fundamentais: o momento da luta revolucionária, no qual, para ele, o humanitarismo conduziu a ação e cuja premissa de revolução prometia um mundo verdadeiramente mais justo e humanitário; e o momento da tomada do poder, em que a frieza, o calculismo, o totalitarismo e a burocracia se estabeleceram. Esta história da Revolução Cubana não deixa de ser a história da Revolução dos Bichos, narrada nem pelo cavalo, que acreditava demais nos porcos, nem pelo burro, que não acreditava nem mesmo na revolução. Provavelmente seria a história narrada por um porco menos importante que Napoleão e Bola-de-Neve. Um porco que não aparece na narrativa é claro, pois foi banido. Um porco que lutou pela revolução, mas que viu os seus amigos porcos se transformarem em homens um tempo antes do cavalo ter visto, porém, um tempo depois do burro. “(...) os animais subiram ao topo e olharam em volta, à luz clara da manhã. Sim, era deles – tudo quanto enxergavam era deles.” (Orwell, s/d, p. 08). A euforia da tomada do poder marcava o início da sua própria destruição.

Humanitarismo e a Luta Revolucionária

Carlos Franqui é, antes de tudo, um humanista, para o qual o homem, seja qualquer homem, lute em qualquer lado da trincheira, deve ser respeitado. Seu humanismo aproxima-se por um lado, do humanismo cristão, cuja premissa diz: “Amai os vossos inimigos”. O sol raia sobre os bons e os maus, e a chuva cai sobre os justos e os injustos. O inimigo, para Franqui, merece a piedade.

O humanitarismo do rebelde cubano se distingue do cristão em dois aspectos essenciais: quanto aos fins e quanto aos meios. Dos fins, falaremos mais à frente. Dos meios, nos interessa saber que amar o inimigo não é aceitá-lo tal como ele é. Amar o inimigo é, também, combatê-lo. O que diferencia, quanto aos meios, o humanismo cristão do humanismo cubano está justamente na forma de combate.

Todo aquele que segue a ética do sermão da montanha, não poderá deixar de ouvir o que foi dito por seu mestre: “... não resistai ao malvado. A quem te bater na face direita, apresenta também a outra.” (MATEUS 5, 39). A violência não é atitude de quem segue a ética cristã. O seu único e lustrado fuzil é o bem. Suas mãos caminham limpas. Afinal, “todo aquele que der de beber a um destes pequenos, ainda que seja um copo de água fresca, por ser meu discípulo, eu vos declaro esta verdade: ele não ficará sem recompensa.” (MATEUS 10, 42). Todo homem recebe aquilo que ele fornece e colhe aquilo que ele planta. Ferir com a espada é ser ferido por ela.

De forma contrária, o humanismo de Franqui levanta a espada e fere. Porém, cuida da ferida. Retira o inimigo da luta, mas não da vida. Nesta briga de irmãos, se deve bater até que um se renda, porém, sem golpes baixos. A guerra pode ter o seu lado humano.

Franqui faz um elogio do processo da luta revolucionária em Cuba, destacando o humanitarismo como guia da ação dos revolucionários cubanos. Isto se mostrava, por exemplo, no tratamento dado aos inimigos pelo Exército Rebelde.

Uma das coisas que me surpreendeu quando cheguei à Sierra foi o lado humano da guerra. O exército rebelde parecia quixotesco, com Fidel representando o papel do nobre espanhol. Ordenou que déssemos tratamento médico ao inimigo ferido como se fosse nosso próprio camarada de armas. Não iríamos matar ninguém. Não iríamos matar, torturar ou ofender prisioneiros de forma alguma. Iríamos explicar o que lhes estávamos fazendo e por quê, no sentido de educá-los para nossa causa. (FRANQUI, 1981, p. 160).

Combater o inimigo. Porém, cuidar dele como se fosse o nosso próprio camarada. O inimigo só é camarada depois de prisioneiro. Enquanto está em condição de resistir, deve ser combatido. Quando perde o posto e está em condição de ser destruído, será poupado e bem tratado. É desta ética que se deduz todas os outros mandamentos: não torturarás. Não matarás. Os inimigos presos são os nossos companheiros. A ele falta a educação à nossa causa, e esta é a nossa função: educá-los.

O humanitarismo é não só amar os nossos inimigos, mas, também, amar ao próximo tal como ele se apresenta a ele mesmo. Os camponeses eram respeitados simplesmente porque deveriam ser e o respeito se daria em todos os sentidos, às suas tradições, às suas mulheres e aos seus produtos. (idem, *ibidem*).

Por último, no humanismo de Franqui se insere a igualdade. Se para o cristão, todos os filhos são iguais perante o pai, para o rebelde cubano todos os guerrilheiros são iguais. E a igualdade que havia no interior do Exército Rebelde

era uma das essências de um processo de luta revolucionário em que a dominação não existia. O respeito era, segundo Franqui, o que movia a ação e não a obediência. O exército era uma família, onde os irmãos cooperavam voluntariamente. “Éramos uma família e trabalhávamos juntos por respeito, em vez de simples obediência.” (idem, *ibidem*).

Franqui parece concordar com Che Guevara quanto a este aspecto. A ação do Exército Rebelde é orientada não pela obediência, não pela repressão, não pelo autoritarismo de cima para baixo. Mas, pelo respeito e pelo autocontrole. Algo que partia do convencimento profundo do indivíduo. Como disse Che:

(...) el ejército de liberación fue un ejército puro donde ni las más comunes tentaciones del hombre tuvieron cabida; y no había aparato represivo, no había servicio de inteligencia que controlara al individuo frente a la tentación. Era su autocontrol el que actuaba. Era su rígida conciencia del deber y de la disciplina. (GUEVARA, 1959).

A igualdade para Franqui se apresentava, também, na não existência de privilégios de postos, pois, para ele, não havia uma classe privilegiada. Os comandantes sendo poucos não a constituíam. “Havia poucos comandantes, portanto não constituíam uma classe (...) Esse humanitarismo não era de fachada; era verdadeiro.” (FRANQUI, 1981, p. 160).

Destes três aspectos, o tratamento ao inimigo, o respeito aos camponeses e a igualdade entre comandantes e soldados, Franqui faz o seu elogio do processo de luta revolucionária, atribuindo a ele um caráter humanitário. O fracasso da Revolução deve ser buscado, assim, em alguns anos mais tardes, de forma alguma na luta dos rebeldes, mas, pelo lado oposto, na tomada do poder. Ela é que terá um forte

significado para a efetivação de uma dominação política em Cuba.

A Tomada do Poder e o Totalitarismo

Todo processo revolucionário passa por uma luta pelo direito de dizer a revolução. Nenhuma força política faz uma revolução sozinha. Ela geralmente precisa se relacionar com outros tantos que também lutam e que também exigem o direito de dizer a revolução. É uma luta pelo poder. Não necessariamente a apropriação do Estado, embora ele seja um dos instrumentos deste poder. Mas, uma luta pelo crédito. Pelo estar em posição de dizer o que fazer.

A gata Dinah em Alice no País das Maravilhas possui diferentes posições em diferentes lugares. Disse Alice: “Ninguém gosta dela por aqui, mas tenho certeza que é a melhor gata do mundo!”. (CAROL, 1998, p. 45). Dinah é uma simples gata submissa na casa de Alice e uma ameaça temível no País das Maravilhas, faz tremer o rato, o cachorro e os pássaros. O poder é o ato de estar em posição de ordenar e isto não implica uma relação monolítica. O coelho gritou para Alice, que havia diminuído de tamanho, num tom zangado: “ ‘Ora, Mary Ann, o que você está fazendo aqui fora? Corra para casa imediatamente e me traga um par de luvas e um leque! Rápido!’”. E Alice estava tão assustada que saiu correndo imediatamente na direção que ele apontava” (idem, p. 47). Pequena e assustada, Alice não estava em posição de não obedecer. “ ‘Que estranho’, disse Alice para si mesma, ‘servir de garota de recados para um coelho! Imagino que Dinah também vai começar a me dar tarefas para fazer!’”. (idem, ibidem). Mas, Alice, que havia crescido e diminuído de tamanho tantas vezes, bebeu algo que estava dentro de uma garrafinha. Ela cresceu tanto de tamanho que não conseguia mais passar pela porta da casa do coelho, “(...) estava

agora umas mil vezes maior que o Coelho e não tinha razão para temê-lo.” (idem, p. 51). O poder é uma questão de tamanho. Tamanho no sentido de posição. O alto e o baixo. Aquele que está em posição de ordenar e aquele que está em posição de obedecer. “(...) não acho (...) que eles deixariam Dinah ficar na casa se ela começasse a dar ordens desse jeito”. (idem, p. 48). Dinah não está em posição de ordenar.

Para Franqui, a centralização do poder nas mãos de Fidel foi possível pela vitória política que Fidel teve sobre o Diretório Revolucionário e sobre o clandestino Movimento 26 de Julho. Esta vitória está vinculada à relação entre a *Sierra* e as cidades, isto é, entre os revolucionários da *Sierra Maestra* e os revolucionários urbanos. Frank percebe a especificidade de cada um dos ambientes. A *Sierra* e as cidades são duas realidades distintas. Para a primeira, em relação às cidades, a tranquilidade, a sensação de liberdade e vitória. Para as cidades, em relação à *Sierra*, o mundo de crime e horror.

Em Santiago, milhares de jovens haviam sido torturados e assassinados. Os rebeldes clandestinos combateram Batista quase sem armas, arriscando suas vidas todos os dias. Eles haviam perdido muito mais combatentes do que nós, na *Sierra*. Lá possuíamos armas e também tínhamos a proteção da natureza. Aqueles anos de clandestinidade na cidade constituíram um mundo de crime e horror, uma luta anônima que arrebatou os cubanos à resistência contra Batista. A *Sierra* nos dava uma sensação de liberdade e vitória, que ninguém poderia sentir lá embaixo, na cidade. Lá em cima era como férias revolucionárias. (FRANQUI, 1981, p. 24).

Duas realidades distintas, a *Sierra* e as cidades deixaram diferentes cicatrizes. A *Sierra* conheceu a vitória, enquanto às

idades sobrou a derrota. “O rebelde da *Sierra* conhecia apenas a vitória da sua luta, enquanto que o rebelde urbano conhecia apenas a derrota. A guerra na cidade era como uma luta de boxe, na qual cada *round* é feito de perdas e ganhos.” (idem, p. 40).

A guerra clandestina travada nas cidades arrasou as possibilidades reais de neutralização do poder de Fidel Castro e possibilitou a centralização unipessoal do Estado. O Diretório, a segunda maior força política revolucionária, estava impossibilitado de fazer frente a Fidel. Isto, devido à morte de líderes importantes, à desestruturação do movimento e ao anulamento de sua importância simbólica, que foi capitalizada por outros homens ou pelo próprio Movimento 26 de Julho.

(...) a terrível guerra clandestina nos havia arrasado. O Diretório havia perdido suas melhores *cadres* e seu líder, José Antonio Echevarría, no ataque ao Palácio Nacional, e ainda estava em processo de reestruturação quando Batista fugiu. A lendária chegada de Che e seu ataque-relâmpago a *Las Villas* haviam anulado a importância do grupo da Frente *Escambray* (um prolongamento do Diretório) e a ordem de Fidel – que proibia o Diretório de compartilhar da vitória em Havana após ter lutado em *Placetas* e Santa Clara – isolou as forças leais a Chomón e Cubelas. Em seu primeiro discurso, Fidel acusou estas forças do roubo de armas, liquidando assim o Diretório como poder político. (idem, p. 39).

O clandestino Movimento 26 de Julho também foi impossibilitado de agir enquanto força coletiva e fazer frente à centralização do poder por Fidel. A morte de importantes membros, algumas ações fracassadas, e a capacidade de apropriação do controle por Fidel Castro, foram fundamentais para a desarticulação do Movimento.

(...) Mortos Frank País e Daniel (René Ramos Latour), seus melhores militares, Santiago e Havana deixaram de ser centros de ação militar. O fracasso da greve geral de abril, convocada pelo Diretório e pelo Movimento 26 de Julho, permitiu que Fidel assumisse o controle de todas as forças clandestinas através do comandante Delio Gómez Ochoa. O objetivo de Fidel: marginalizar o movimento e fazê-lo desaparecer. (idem, p. 39).

O controle político da Revolução se centrou, assim, na *Sierra Maestra*. O Exército Rebelde, dotado de armas, maior segurança e capacidade de apropriação simbólica, tornou-se a força capaz de dirigir o processo revolucionário. Seu comandante máximo, seria, obviamente, o comandante máximo da Revolução.

O rebelde urbano foi a vítima da história cubana. Lutando boxe a cada ring, foi enfim nocauteado por um terceiro que invadiu a lona. Estando o poder concentrado em Fidel, a história da revolução cubana se tornou a história da luta coordenada por Fidel. “O ataque a Moncada, o desembarque do *Granma* e a *Sierra* fundiram-se em uma só coisa: Fidel Castro, sozinho.” (idem, p. 39).

“‘Quem controla o passado’, dizia o lema do Partido, ‘controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado.’” (Orwell, 1984, p. 36). E o rebelde urbano foi deixado de lado da história da revolução cubana.

O Poder

Para Franqui, a luta real pelo direito de dizer a Revolução Cubana não seria entre socialismo e capitalismo. Seria, pelo contrário, entre o socialismo russo e o socialismo humanista. (FRANQUI, 1981, p. 63). O conflito maior não se daria entre Cuba e os Estados Unidos, mas no interior dos próprios revolucionários. Uma luta tão fraterna quanto a de Abel e Caim. Algo tão comum no interior das revoluções

sociais, quanto já imaginava Maquiavel. Quem sobe ao poder deve se preocupar mais com os próprios amigos do que com os inimigos.

Os que se eram denominados comunistas, que longe do comunismo eram partidários do capitalismo de Estado da União Soviética, eram os que contavam com maior poder, maior inserção no Estado e no Exército, maior força de repressão. Os socialistas humanistas eram os mais numerosos. “O que dividia esses grupos não eram suas tendências radicais, a intensidade de seu sentimento antiimperialista ou as suas crenças anticapitalistas; era comunismo puro e simples.” (idem, p. 40)

O grupo dos socialistas humanistas, dos quais Franqui era um dos representantes, possuía força em toda a Cuba,

(...) era composto das pessoas da C.T.C., do *Revolución* e do Movimento 26 de Julho: David Salvador, Faustino Pérez, Marcelo Fernández e eu. (idem, *ibidem*), e também“(...) incluía trabalho organizado, algo por volta de um milhão de pessoas, na cidade e no campo, assim como a juventude da nação, radicalizada pela guerra contra Batista e pelos problemas econômicos do país (idem, p. 41).

O grupo dos pró-soviéticos era um grupo pequeno, embora forte. “(...) era formado por Raúl Castro, Che Guevara, uns poucos comandantes, os velhos comunistas e alguns companheiros viajantes.” (idem, *ibidem*).

O conflito entre estas duas correntes remontam o debate histórico entre os anarquistas e os marxistas iniciado no séc. XIX por Bakunin e Marx sobre a questão do poder de Estado⁵. A

⁵ Aqui precisamos esclarecer que, apesar das críticas de Bakunin, Marx nunca defendeu o modelo que as revoluções ditas comunistas estabeleceram no século XX. E ainda que possa ter defendido a tomada do poder de Estado

crítica de Carlos Franqui aos comunistas se assemelha à crítica de Bakunin aos marxistas. Para este, a “... revolução sanguinária baseada na construção de um Estado revolucionário, fortemente centralizado, teria como resultado inevitável (...) a ditadura militar com um novo senhor.” (BAKUNIN, 1999, 136).

O Estado é conservador por natureza. Toda revolução que opta pelo fortalecimento do Estado tende a fortalecer uma nova opressão. Disse Bakunin:

Não concebemos também que se possa falar da liberdade do proletariado ou da libertação real das massas no Estado e pelo Estado. Estado quer dizer dominação, e toda dominação supõe a submissão das massas e, conseqüentemente, sua espoliação em proveito de uma maioria governamental qualquer. (idem, p. 147).

O poder de Estado é confrontado com o povo, o verdadeiro protagonista de uma revolução social. Toda revolução deve ser feita pelo povo e sua suprema direção deve ficar sempre “... no povo organizado em federação livre de associações agrícolas e industriais, o Estado revolucionário e novo...” (idem, p. 140).

Em Cuba, este debate teórico está centrado na especificidade histórica da ilha: o que fazer com a indústria açucareira? É nas respostas para esta questão que encontramos as premissas da luta entre libertários e centralistas.

Tanto os pró-soviéticos quanto os socialistas humanistas concordavam com o fato de que o açúcar mantinha a dependência econômica e, conseqüentemente, a sujeição política de Cuba. Concentrados na imposição

burguês pelo proletariado, rompeu com esta tese em 1871, ao analisar a experiência libertária e anti-estatista da Comuna de Paris.

colonial do açúcar, Cuba precisava buscar todos os demais produtos a partir de sua relação com os Impérios. O açúcar era uma prisão e “havia chegado o momento da nação se libertar da sua velha prisão.” Para os conservadores, sem açúcar não existiria Cuba, para os revolucionários, com o açúcar não haveria país, liberdade ou independência. (FRANQUI, 1981, p. 86).

Porém, enfrentar a indústria açucareira e todas as transformações estruturais que os revolucionários estavam dispostos a levar a cabo, necessitava da resolução de um novo questionamento: Seria nossa pequena ilha, dependente como era dos Estados Unidos, capaz de se tornar auto-suficiente e independente? (idem, ibidem).

Para os pró-soviéticos, a ação se resumia em duas: estatizar a indústria do açúcar e optar pelo auxílio da União Soviética. Franqui acredita que as posições destes ditos comunistas estavam marcadas por duas premissas: a de que o fortalecimento do Estado devia ser um dos caminhos para a Revolução e a de que era impossível fazer de Cuba um país autônomo, devendo os revolucionários buscar o apoio da URSS, o que seria o mesmo que submeter-se a um novo império.

A sua crítica à posição dos pró-soviéticos coloca em evidência um debate sobre o poder. Para Franqui, poder e povo são categorias opostas. O primeiro visa conservar e dominar, o segundo, revolucionar e libertar. O poder tende a ser conservador, e novamente devemos notar a diferença entre o poder nesses moldes e a revolução, que era o povo. O problema era que Fidel era o poder. (idem, ibidem).

A proposta de estatização ocupa um local central no palco de debate sobre o poder. Para Franqui, a estatização aparece como um dos instrumentos do poder. Estatizar não é socializar. A

primeira ação se vincula a uma necessária centralização política. “(...) a estatização nada faz além de criar e apoiar um gigantesco, improdutivo e repressor superestado burocrático, um partido que é o Estado, que é o pai, que é o dono.” (idem, p. 85).

O vínculo com a União Soviética seria também seguir a cartilha stalinista. Obedecer. Se submeter ao Império. A industrialização, opção do leste europeu, seria obrigatoriamente a ordem para Cuba. “Para os soviéticos e seus satélites, a industrialização é a resposta a qualquer problema.” Para os cubanos, queria Franqui, nada de ordens. Mas, a opção pelo povo, que havia feito uma revolução nova, autônoma. (idem, p. 86). Franqui defende a idéia de que o povo cubano poderia impor resistência econômica e militar sem os Estados Unidos e a União Soviética. Cuba como país tropical, precisaria aumentar a produção de níquel, reorientar sua agricultura visando a autosuficiência com relação a comidas, e incrementar o turismo, fazendo do açúcar apenas um produto intermediário na economia cubana. (idem, ibidem). A resistência militar já foi provada pelo povo cubano, que suportou o conflito com os Estados Unidos. “Éramos um povo unido, pronto para morrer, e com a opinião mundial ao nosso lado”. (idem, p. 87).

A partir de duas premissas, o vínculo necessário entre poder e dominação e a percepção da importância de ser o povo o protagonista da revolução social, Franqui acreditava que “era o momento para se confiar no povo e criar novos modos de vida.” (idem, ibidem). O povo estava se organizando por conta própria, pois tinha, com a Revolução, recuperado a sua dignidade. A socialização e não a estatização era a proposta de Franqui. “Só precisávamos dar poder ao povo – não a um ditador militar.” (idem, ibidem), disse o socialista humanista como tantos

libertários disseram na história das revoluções do séc. XX. Partindo de premissas opostas a de Franqui, disposto à centralização do poder e com uma desconfiança da capacidade de organização do povo, Fidel “preferia militarização à organização” (idem, p. 88) e apresentava sua “tendência ao monopólio estatal em vez do socialismo verdadeiro (...) fazendas estatais em vez de cooperativas auto-reguladoras.” (idem, ibidem).

Assim, o fracasso da revolução está intimamente ligado à tomada do poder estatal. A concepção de poder de Franqui se torna essencial para a sua história da Revolução Cubana. O poder para Franqui está centrado ainda na metáfora da propriedade. Ele é algo do qual o homem se apropria. Tomar o poder, se apropriar do poder, conquistar o poder, pressupõe a existência de algo que possui um dono. Em segundo lugar, o poder trás consequências para o caráter do homem. Ele é corruptor. Foi a centralização do poder nas mãos de um homem que tornou possível a corrupção da revolução. O poder exerce uma força sobre o homem. Transforma o homem e o regime na ditadura plena. É por isso que pergunta Franqui: “As pessoas se transformam quando alcançam o poder? (...) Qual é a diferença entre um homem quando faz parte de um grupo de oposição e quando tem o poder absoluto?” (idem, p. 162). Tudo foi pelos ares quando o poder foi tomado e centralizado nas mãos de um só. “O socialismo tornou-se ditadura...”. O Estado ao invés de se destruir gradualmente, tende a se fortalecer. Afirmou Franqui:

Marx achava que o Estado desapareceria eventualmente, mas como pode isso acontecer, quando fica mais e mais forte a cada dia? O Estado torna-se um monopólio colossal que devora tudo, que se torna totalitário em sua inabilidade

de tolerar desvios de qualquer espécie (idem, p. 167).⁶

Como dizia Bakunin aos marxistas: “nenhuma ditadura pode ter outra finalidade senão a de durar o máximo possível.” (BAKUNIN, 1999, p. 158).

Uma outra consequência da centralização é a formação de uma nova classe dominante na sociedade cubana: a burocracia estatal. Sua dominação política é também econômica. A burguesia cedeu lugar à burocracia. Os homens saem de cena, mas os porcos estão à cada dia que passa, se tornando homens.

Efetivamente, a revolução mudou alguma coisa? Sim, tudo nos mais altos escalões de Cuba mudou: o Partido Estado era a nova classe dominante. Mas nada mudou mais para baixo (...) Os que estão no topo desfrutam de privilégios. Então não existe mais a velha burguesia, e daí? Existem burocratas que administram, controlam e estão ricos. (FRANQUI, 1981, p. 170).

Enquanto o povo cubano está afundado em uma mesma realidade de miséria e exploração, os burocratas, aqueles que pretendiam a socialização, estão ricos. A apropriação do poder político possibilita a apropriação do poder econômico. “De certa maneira, parecia como se a granja se houvesse tornado rica sem que nenhum animal tivesse enriquecido – exceto, é claro, os porcos e os cachorros.” (ORWELL, s/d, p. 46) “Nesta estrutura social, o papel do povo era o de trabalhar e de obedecer inquestionavelmente” (FRANQUI, 1981, p. 88).

E assim, todos os bichos observavam da janela, homens e porcos jogando cartas. Assustadas, “olhavam de

⁶ Aqui Franqui comete um erro muito comum: o de tomar as idéias leninistas como sendo as idéias de Marx.

um porco para um homem e de um homem para um porco outra vez, mas se tornara impossível distinguir quem era homem, quem era porco”. (ORWELL, s/d, p. 50).

Entretanto, o fracasso da Revolução Cubana e a dominação política que recaiu sobre os homens não foram resultados somente da centralização do poder nas mãos de Fidel Castro. O fracasso se iniciou, segundo Franqui, também, com as execuções políticas após a tomada do poder. Afirma sobre as execuções que ele mesmo apoiou no início da Revolução:

Hoje, discordo e assumo total responsabilidade pelo que acontece então. Não por compaixão, não porque ache que os esquadrões terroristas de Batista, ou seja lá quem for, estejam inocentes ou mereçam viver. O problema não é quem recebe o disparo, é quem o faz. Quando você executa alguém a sangue frio, está aprendendo a matar. É assim que seres humanos se tornam máquinas de matar e essas máquinas são impossíveis de deter. Elas precisam de combustível e, quando não tem, saem à sua procura. Então, da nossa decisão de poupar sangue matando apenas criminosos, surgiu um novo poder repressor, que seria implacável. (FRANQUI, 1981, p. 36).

O problema não é quem recebe o disparo, mas quem o faz. O ato de matar a sangue frio fez com que os estadistas

revolucionários se transformassem em máquinas de matar desejosas de cada vez mais sangue. A violência revolucionária é colocada em cheque. Matar gera frieza. A alma revolucionária disposta a mudanças se torna malévola e não mais vê valor no homem. O humanitarismo do momento da luta revolucionária é desmantelado. Constrói-se um estado totalitário e opressor. O homem é Macbeth após matar o rei: “Tenho medo de pensar no que fiz. Olhar a cena uma vez mais? Não me atrevo”. Mas, matar a sangue frio faz do homem um homem frio e Macbeth se aproxima de Lady Macbeth a cada dia, para quem: “os que dormem, e os que já estão mortos, não passam de pinturas. É tão-somente o olhar de uma criança que se amedronta diante de um diabo desenhado.” Olhar o morto que você matou com os olhos não de uma criança, mas de um adulto indiferente. Eis o problema ou, seria melhor dizer, a sina de quem faz o disparo. Para Franqui, a revolução morre quando os revolucionários se esquecem de que o inimigo é um homem, um ser humano. Fidel Castro se esquece, ele é Lady Macbeth, “tinha que matar, e o fazia friamente, sem emoções.” (FRANQUI, 1981, p. 162).

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Michel A. *Textos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- FRANQUI, Carlos. *Retrato de Família com Fidel: Fidel Castro visto por um Ex-íntimo*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- GUEVARA, Che. *Que és un Guerrillero*. La Habana, 19 de Fevereiro de 1959. Disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/guevara/59-quees.htm>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2006.
- ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*. São Paulo: s.d. Disponível em: www.mundocultural.com.br. Acesso em: 14 de abril de 2002.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Nacional, 1984.

* Doutor em História, professor adjunto da UFG – Universidade Federal de Goiás. E-mail: saddirafael@yahoo.com.br